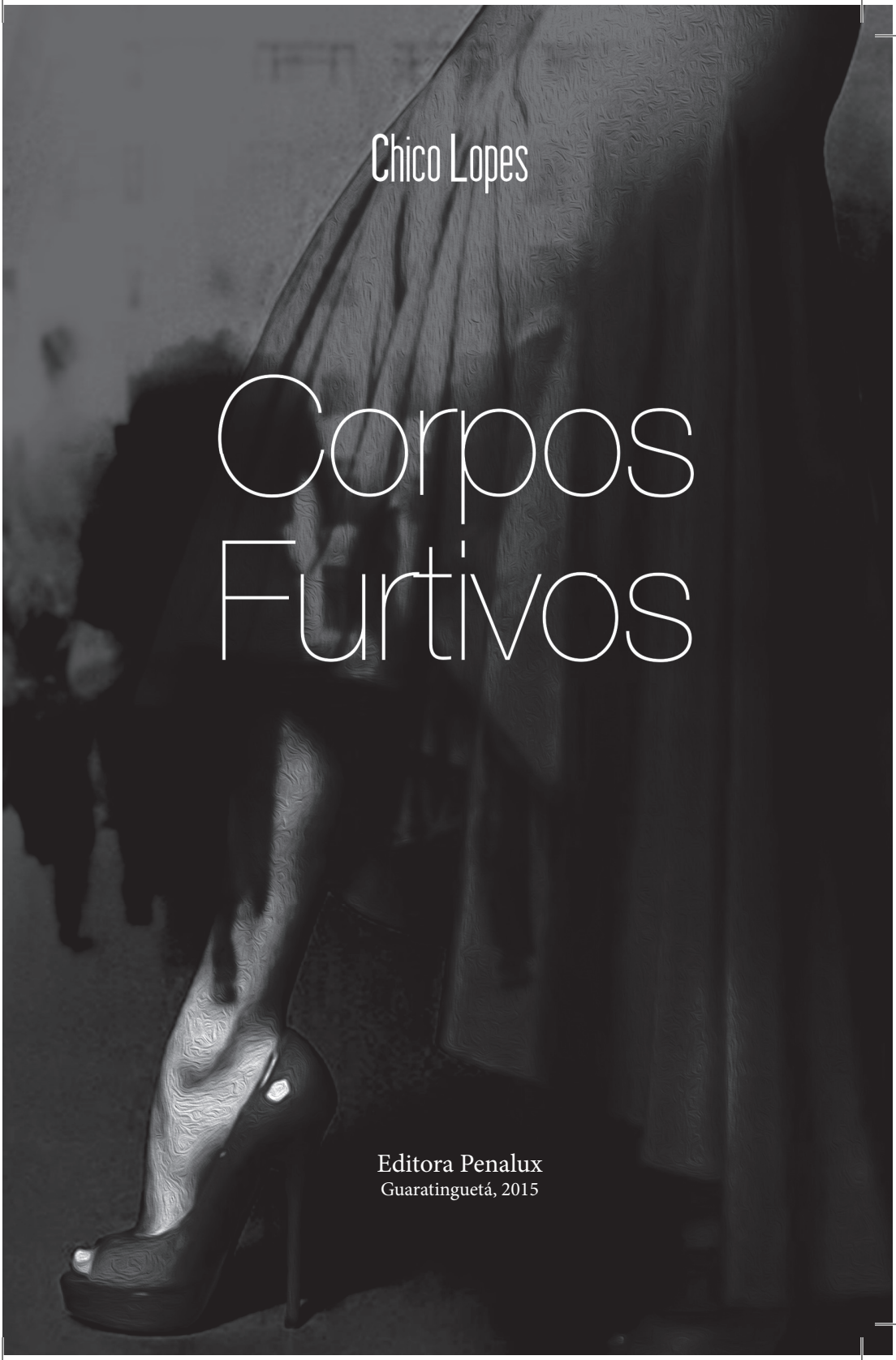

Chico Lopes

Corpos Furtivos

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2015

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Francisco Carlos L.

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L864c LOPES, CHICO. 1952 -
CORPOS FURTIVOS / CHICO LOPES. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015.

250 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-69033-85-1

1. ROMANCE I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

1 Assovio de bruxa

– Não vai chover hoje

Wanda estava à janela e segurava uma ponta da cortina amarela, mantendo-se em pé com aquela sua expressão de contrariedade ansiosa para a qual só o desagrado e os aborrecimentos pareciam desejáveis. As pernas continuavam a doer, apesar do medicamento que vinha tomando. Isso não só desacreditava o médico da família como a fazia desejar que a sua doença fosse mais grave e atraísse mais piedade ou consideração. O mundo nunca parecera dar-se conta de todo o sofrimento de que ela padecia e das muitas injustiças que a tinham afetado por estar simplesmente viva.

Eunice respeitava essas previsões. Não ousava duvidar da irmã, que se orgulhava de ter mais senso meteorológico que as apresentadoras de televisão. Herdara-o do pai, que era assim com assuntos do tempo: ansioso, sondador de nuvens, irrequieto toda vez que tinha um prognóstico a fazer, não admitindo que rissem dele quando errava.

Havia no céu nuvens que pareciam promissoras, mas era agosto, os dias cinzentos não se rompiam, a claridade era meio irreal e as ruas recebiam o sopro daqueles ventos elegíacos. Agosto passava como o assovio furtivo de bruxa que provocava redemoinhos, arrastava folhas e fazia tramelas e janelas sacudirem. Uns hiatos de silêncio entre as muitas ondulações do ar pareciam deixar as coisas impregnadas de uma quietude de exaustão, de tristeza sem remédio. Um tilintar de teréns de alumínio sacudindo de leve, arrepiados à menor brisa, na prateleira da cozinha, instaurava um pacto do mês com o interior da casa. Os cantos pareciam menos protegidos e o cansaço de lidar com vassouras, baldes e escovões era maior, como se todo esforço para deixar o mundo em ordem fosse de uma inutilidade completa e os sons contivessem pequenos alertas obscuros para que nada fosse feito e a imobilidade fosse preferida – parados, podemos de algum modo deixar de produzir movimentos que nos enredem no andamento perigoso das coisas.

Eunice a olhava, cabisbaixa, temendo que a irmã, de repente, pronunciasse alguma palavra fatal. Achava-a

capaz disso. Para romper com esses agouros, ela só tinha como recurso ligar o rádio ou se pôr a falar qualquer coisa que encobrisse a voz de Wanda. Era preciso ignorar a atmosfera impregnada de apreensões. "Merda, merda", dizia entre dentes, pois mantinha essa relação de cautela com os palavrões, como se os pronunciasse para si mesma e mais ninguém, como se a irmã não estivesse cansada de ouvi-los com nitidez ou supô-los a partir do mover de seus lábios, que os saboreavam com um amargor controlado, crendo-os inaudíveis.

– Vai sair outra vez? – Wanda olhou para Eunice lá de cima, fazendo a pergunta desnecessária.

Respondendo com um sinal relutante, Eunice desceu a escada para o pequeno portão recém-pintado de verde-claro e, ao fechá-lo, ela continuava lá, sondando o céu e vigiando-a disfarçadamente. Eunice imaginou que, ao voltar para dentro de casa, ela suspiraria de impaciência e malogro, com ódio, aquele seu ódio sonso que a impelia a emitir uns lamentos secos, uns gemidos de desespero abafado como se, de repente, virasse uma criança ferida com pleno direito de reclamar e pudesse, assim, incriminar alguém. Mas era inútil, pois o controle que exercia – ou tentava exercer – sobre a irmã mais nova, e sobre qualquer pessoa que se aproximasse um pouco mais, nunca era de fato satisfatório. Era assim que tornava as aproximações difíceis – havia em seu olhar o amuo de um canibal que encontra carne resistente, mas não admite a frustração por

não poder comê-la, adotando um desprezo pouco convincente. O ressentimento permanente, e a vontade de que sua pequenez fosse compartilhada por quem quer que fosse, era o que explicava aquela carranca que, se tivesse o poder de paralisar o mundo e submetê-lo à sua infelicidade, se transformaria num sorriso constante.

A irmã, para Eunice, sempre fora isso: um vulto de cócoras para limpar o chão ou de cabeça erguida para inquirir. No dia anterior, mexendo infatigavelmente com suas roupas, procurando o que lavar, o que passar, o que vestir – embora raramente saísse para alguma ocasião que exigisse roupa menos caseira – ela tinha levado um susto topando com uma aranha enorme – "Carangueja, carangueja, carangueja" gritara, a pouca voz, a fio de agonia, e correra em sua direção, disposta a desmaiar em seus braços, e, puxando-a com força, apontara para um enorme cesto de vime onde se aninhava o inseto de um negror pulsante, urrando: "mata, mata, mata, pelo amor de Deus, Nicinha, mata, mata pra mim".

Eunice se armara de coragem, pegara um sapato e esmagara a aranha que, lenta, não parecera capaz de uma fuga à altura de sua perseguidora e dera uma corridinha desajeitada sobre uns guardanapos bordados com margaridas de miolos muito amarelos. Uma espécie de secreção branca saíra, lateral, do esmagamento, e Wanda arregalara os olhos e fora para o banheiro vomitar. Depois, com a palidez de quem acaba de se esvaziar, a olhara com uma

acusação feroz, como se aquela substância fosse produzida não pela aranha, mas por ela. A estação de chuvas, que esperava com sua ansiedade e sua capacidade atávica de farejar mudanças no vento e no céu, era temporada de apreensões também – surgiriam os sapos, que poderiam pular sobre ela, não acreditava que fossem inofensivos, "o mijo é veneno" – sabia o caso de uma mulher que cegara de um olho depois de um jato deles. Com sua natureza mais para distraída, Eunice não os temia tanto assim, mas, para Wanda, eram prova cabal dos horrores inumanos que, mal abrimos os olhos todas as manhãs, começam a nos rondar na obscuridade e podem nos surgir de repente, inadmissíveis, debaixo de nossos narizes. Ela não se conformava com que existissem coisas assim, e uma espécie de descrença paralisante e ressentimento inarticulado contra Deus a prostrava por completo, aumentava a quantidade de desesperos, suspiros e fungadas pelos cantos da casa. Bem queria acreditar no Deus de sua mãe, exclusivamente o criador de coisas puras e limpas, mas quem engendrara sapos, lagartos, cobras, escorpiões amarelinhos, aranhas polpudas entre tábuas e tijolos, ratos que às vezes se aninhavam, pelo amor de Deus, no forno do fogão a gás? E sua lista de repugnâncias ia aumentando: que dizer das secreções humanas, dos conteúdos pútridos, vísceras, sujeiras, cestos para papel higiênico usado que ela despejava com luvas e, sem olhar, enfiava nos sacos pretos de lixo, das nojeiras masculinas que era obrigada a lavar nas cuecas do pai quando vivo, dos cheiros de

hospital, dos múltiplos sinais da degradação corporal em que vivemos todos, mal abafados por assepsias, perfumes e esmaltes de civilização? Era como se fosse hóspede involuntária, contrariada, de um mundo onde se aninhavam motivos de náusea, desgosto e pavor por toda parte. Se não os via, se as aparências eram satisfatórias, certo que se acalmava, que não tinha de que reclamar, mas seus olhos iam para os cantos, suspeitavam, adivinhavam, procuravam objetos de repulsa, e ela continuava a sofrer. Quando rezava, o que vinha fazendo cada vez mais, apesar de metade dela ser pura descrença, era para suspirar, sempre impotente, para que uma espécie de borracha compassiva apagasse tudo que em seu corpo era fonte de degradação, todo desejo, todo desvario, toda adesão indesejada à realidade. Uma criança com ranho fazia-a odiar todas elas, que, aliás, metiam os dedos em partes proibidas como se nada fosse. E as moças, que saíam agora quase despidas; e os rapazes com aqueles olhares sem disfarce, e os muitos sinais de pouca vergonha por todo lado. A ideia de se casar sempre a gelara; o que seria preciso fazer para engravidar! – morrer talvez fosse menos doloroso. Não ajudava que a televisão exibisse aqueles partos onde o recém-nascido todo sujo de sangue, viscoso, saía das escuridões da carne pelas mãos de um médico. Quanto ao amor, pior ainda que a televisão vendesse a ideia de que havia felicidade naqueles corpos se esfregando pelas camas, os homens desfilando sem camisa, sem raspar os pelos do tórax mesmo nas cenas mais banais, oferecidos.

A ideia de qualquer satisfação corporal sem penitência e nojo era inadmissível.

– Você me desligue isso, por favor.

– Quero ver um pouco mais, Tata – Eunice a chamava assim.

– Não me faça olhar.

– Não precisa olhar.

– Mas eu acabo olhando!

– Por favor, Tata, eu quero ver – Eunice gemia.

Wanda, exasperada, pegava o controle remoto e desligava a tevê ela mesma.

Composto em Alegreya e
impresso em Pólen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em Novembro de 2015.